



ENSAIO BIOGRÁFICO: Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?

ENSAYO BIOGRÁFICO: ¿Podemos hacer la teorización de la frontera sur?

BIOGRAPHICAL ESSAY: Can we make theori(i)zation from the southern-border?

Edgar César Nolasco¹

RESUMO: O ensaio propõe discutir acerca de uma teorização que se formula a partir do que o autor entende por fronteira-sul. Para desenvolver sua reflexão, o autor convoca a lógica e a retórica do ensaio moderno, visando pontuar que este, por sua vez, por mais que tenha se esmerado para atender ao sujeito fronteiriço, bem como a sua condição de exterioridade, não fez outra coisa senão reforçar sua inferioridade teórica e filosófica. A teorização, por sua vez, ao lembrar que tal sujeito pensa, logo faz teorização, e esta, a seu modo, pode dar a todos um entendimento maior e melhor do “outro” da exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Teorização; Crítica biográfica fronteiriça; Ensaio descolonial

Resumen: El ensayo propone discutir sobre una teorización que se formula a partir de lo que el autor entiende por frontera Sur. Para desarrollar su reflexión, el autor llama a la lógica y retórica del ensayo moderno, apuntando este, a su vez, por mucho que haya intentado atender al sujeto de frontera, así como a su condición de exterioridad, no hizo nada más que reforzar su inferioridad teórica y filosófica. La teorización, a su vez, al recordar que tal sujeto piensa, luego realiza la teorización, y ésta, a su manera, puede dar a todos una mayor y mejor comprensión del “otro” de la exclusión.

¹ Edgar César Nolasco é professor da UFMS – PPGEL/FAALC/UFMS. Coordenador do NECC. ecnolasco@uol.com.br.

Palabras clave: Teorización; Crítica biográfica fronteriza; Ensayo descolonial

Abstract: The essay proposes to discuss about a theorization that is formulated from what the author understands by the southern frontier. In order to develop his reflection, the author calls on the logic and rhetoric of the modernity essay, aiming to point out that this, in turn, no matter how hard it took to attend to the frontier subject, as well as his condition of externality, did nothing else, but to reinforce its theoretical and philosophical inferiority. Theorization, in turn, when remembering that such a subject thinks, does the theorization, and can give everyone a greater and better understanding of the “other” of exclusion.

Keywords: Theorization; Frontier biographical criticism; Decolonial essay.

Por isso não queremos nunca mais viver em localidades reservadas a uma estrita minoria, não queremos nunca mais ser os empregados de uma filial do pensamento, não queremos nunca mais que nossas corporalidades estejam a serviço da disciplina ou da interdisciplina que de alguma maneira nos classifica e, em geral, nos patologiza ou nos inferioriza. Necessitamos, como se sabe desde o primeiro momento em que se teve contato com a colonialidade, de uma política descolonial, uma ética descolonial, uma educação descolonial não dividida em compartimentos estanques como a **60** modernidade/colonialidade organizou o mundo, mas sim em um mesmo movimento coletivo. Facundo Giuliano. *¿Podemos pensar los no-europeos?*, p. 56.

Começo esta minha *conversa* acerca do que quero entender e pensar sobre a pergunta inicial retomando minha leitura da coletânea sugestivamente intitulada de *¿Podemos pensar los no-europeos?*(2018), de onde, inclusive, retirei a epígrafe acima, para me fazer também a pergunta: *Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?* Antes sequer de tratar do título desta minha *teorização* re-teorizada, adianto-me e respondo, *à la* Walter D. Mignolo, sim, podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul; mas a questão não é tão simples e nem é tão apressada como o foi minha resposta categórica.

O começo da problematização que atende ao desenvolvimento da resposta passa por uma *teorização* — e aqui quero fazer justiça cabal ao que se lê em epígrafe — que contempla, primeiro, *um aprender a desaprender para reaprender* de outra maneira, conforme Mignolo nos afirma que a filosofia ameríndia nos ensinou; e, num segundo momento, *aprender a teorizar para desteorizar para, assim, re-teorizar*(Nolasco) — proposta esta que, de alguma

forma bastante específica, atravessou toda a discussão defendida por todo o decorrer do texto acadêmico.²

Se esta é a fórmula e o aprendizado mais complexo para o intelectual fronteiriço (ou teorizador, ou *fazedor* a la Borges) da fronteira-sul, o é também o mais necessário, impondo-se mesmo como a única condição para se pensar e escrever uma reflexão desteórica (*teorías sin disciplina*, livro organizado por Castro-Gomez e Mendieta) da fronteira. (A leitura que faço aqui do livro *¿Podemos pensar los no-europeos?* me ajudará nessa discussão. Resta-me talvez dizer que o tomarei, bem como aos autores-amigos nele presentes — todos como um *aliado hospitaleiro* (Pessanha), valendo-me deles por meio de uma intercorporeidade em que um já é o outro e vice-versa.) A corporalidade defendida na epígrafe acima, corrobora, a seu modo, para essa intercorporeidade que defendo e da qual vali-me por toda minha escrita da Tese, visando rasurar, assim, não a presença autoral de quem quer que seja, mas a predominância discursiva disciplinar e interdisciplinar que tenta se impor a todo custo hierarquicamente na ordem do pensamento. Transcrevo a parte inicial do texto-epígrafe: “não queremos nunca mais ser os empregados de uma filial do pensamento, não queremos nunca mais que nossas corporalidades estejam a serviço da disciplina ou da interdisciplina que de alguma maneira nos classifica e, em geral, nos patologiza ou nos inferioriza.”

61

No princípio dessa *teorização* aqui defendida e posta em prática na escrita da Tese Acadêmica — e só antecedida por seu lugar a fronteira-sul — devem acontecer (e aconteceram: o NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS, criado na UFMS em 2009, vindo até este momento pandêmico, e, mais uma vez e sempre, merecendo destaque a produção regular do periódico CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS, em seu vigésimo volume, atendendo temáticas e autores os mais variados) os encontros, as conversas (tratei disso na Tese), lugar das sensibilidades biográficas e locais, dos afetos (e desafetos) — lição esta que deve ser defendida como uma luta pelo intelectual fronteiriço; atrelado a esse desejo de um pensamento único de todos do lugar, porque

² Parte deste texto foi apresentada como parte de minha Tese Acadêmica apresentada junto à Faculdade de Artes, Letras e Comunicação – FAALC – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – para a promoção à denominação de Professor Titular, apresentada em 24 de setembro de 2020.

atravessados (Anzaldúa) pelos mesmos sentires, fazeres e estares, resultando tudo numa grande coletividade de bem comum e viver a todos, sobreleva-se a lição primeira que deve ser seguida à risca pelo intelectual fronteiriço em sua desteorização: *se faz teoria para viver e não se vive para fazer teoria: não vivo para escrever teorias*, meus caros que aqui me assistem; *faço teorização para viver* (assim como tenho feito versos) — escavo formas de um viver melhor para todos (até os que me lerem) por meio de minha teorização que se quer desprendida de qualquer razão teórica e qualquer tradição; escrevo e penso teorizando para *com-viver* comigo mesmo e com todos aqueles (a exemplo dos discípulos acadêmicos) que porventura e alto risco me lerem, me escutarem e que comigo conversarem. (Afianzo que minha preocupação é teórica.)

A pergunta que molda a desteorização “Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? tem como resposta certa a tarefa de um *fazer*, um *pensar* e um *estar sendo* intelectual teórico na fronteira. Por meio de tal teorização desteórica cabe na luta do intelectual fronteiriço desprender-se das regras hierárquicas da teoria moderna: *aprender a fazer teoria para desteorizar para aprender a re-teorizar* como exercício desteórico da fronteira-sul.

O título-pergunta “Podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul? guarda **62** muitas explicações, teorizações e desprendimentos necessários: o *fazer* desteórico fronteiriço não se prende a um tema específico (como a uma análise específica de alguma coisa); antes, preocupa-se com o seu ato de *fazer* (colher) as teorias — o intelectual, nesse caso, é um *fazedor* de uma teorização (ressalvadas as diferenças, como quando em menino eu colhia guaviras no lócus fronteiriço chamado de Revolta) e não um *pensador*. Esboça-se aqui a ideia de um *pensar de viver*, que se contrapõe a uma *práxis de pensar*, e cuja forma outra de viver pode ser entendida como “uma forma privada de filosofar”. (Kusch *apud* Mignolo, 2018, p. 205) (E não seria demais lembrar que não se pensa, não se teoriza e não se filosofa apenas por meio da escritura. Há um mundo das exterioridades no qual vozes, gentes, línguas, corpos que se intercorporam e se interculturam, criando sentires, saberes e *estarem-sendo* que amalgamam um pensamento outro e, por conseguinte, uma epistemologia fronteiriça que se sustenta a partir de um paradigma-outro. Assim como há outras formas de viver, há outras formas de pensar e, por extensão, de teorizar e de filosofar. (O bom-pensar, o bom-teorizar, não passa, necessariamente, pela ordem da escritura; talvez passe mais por um *com-viver*, um *pensar de viver*, “algo que el cuerpo piensa en si mismo en el vivir.”, p.205))

O ato de preparar-se já traz uma relação intercorpórea entre o intelectual fronteiriço e seu corpo e a Natureza, assim como com as palavras e os silêncios e as teorias todas. (Chega-se à província da escritura teórica só muito depois). Mais importante do que chegar ao texto teórico (e ao Verbo definitivos), bem como preocupar-se em *estar, ter, ser* e *pensar* (a teoria e a si), é *estar-sendo* no ato mesmo de fazer (o fazedor é aquele que desobedece, porque se desprende das amarras de uma única epistemologia, e propõe saídas, ou opções descolonizantes) sua teorização. Não por acaso que “*estar-sendo*”, de acordo com a leitura que Mignolo faz de Kusch, é uma categoria que rechaça a expectativa de se unir à narrativa da modernidade: “*Estar sendo* é uma negativa que, ao mesmo tempo, afirma aquilo que a modernidade quer eliminar ou incorporar em uma das etapas do desenvolvimento para superá-la. *Estar sendo* é uma negação que afirma a indigeneidade e impede que ela seja absorvida por e para a nacionalidade dos Estados modernos. (MIGNOLO, 2018, P. 138)

Fazer teorização da fronteira-sul é um desprender-se continuamente da própria teoria escritural, da Teoria ocidental e da Tradição, pois somente por meio dessa *conversa* entre os amigos, os bugres e os pássaros e a Natureza o intelectual retraça sua travessia-teorização ao encontro de um *com-viver* entre todos do lugar, seja de dentro da Academia, seja de fora (mas neste caso principalmente de fora, da rua, das calçadas, dos guetos, das favelas, das zonas fronteiriças, dos campos, esboçando-se aí o contorno da paisagem biográfica do intelectual); há uma barreira teórica e disciplinar que quase sempre soa como intransponível para as teorizações que se *alevantam* das bordas da exterioridade. Por meio desse *fazer* teorização a partir de uma Universidade periférica do país, minha teorização se impõe a contrapelo e *esta-sendo* enquanto eu também estou-sendo e meu corpo-teorização se move na encosta da fronteira-sul (meu lócus geoistórico e biográfico) dando-me a consciência de que minha travessia é a extensão de meu *fazer teórico* (foi exatamente essa consciência que me levou a reivindicar por um “lugar teórico “ ao final de meu texto-tese) enquanto uma forma de *viver* e não mais um desejo de *ter*.

Confesso aqui para todos que minha empreitada desteórica é basicamente política e ética: porque, por meio dela, eu assumo a luta do desprendimento, da desaprendizagem e da desobediência epistêmica. Tenho a consciência que sem assumir esse risco pela teorização eu não encontraria outro modo (um modo outro) de sentir e fazer, de pensar e de escrever, outro modo de viver e *com-viver* com os outros (e não com o outro, pois este simplesmente não existe, nem nunca

existiu; aliás, não passou de uma mera invenção do mesmo de dentro) e comigo mesmo enquanto aquele que vive, pensa e trabalha de um lugar bastante específico tanto dentro do país quanto fora dele. Afinal, para mencionar o título de minha Tese Acadêmica: *A fronteira não é longe daqui*.

Ainda na esteira da discussão que Mignolo faz em *¿Podemos pensar los no-europeos?*, em que discute a relação entre, por exemplo, vida e filosofia (e aqui pensaria em *teorização*), no sentido de que há uma filosofia, ou modo de pensar, que advém da vida “comunal” cotidiana das pessoas, podemos pensar, numa clave de um “vocabulário descolonial”, em uma práxis de pensar/viver descolonial que, por sua vez, não seria menos filosófica. Tudo o que Mignolo discute passa pelo pensamento de Rodolfo Kusch, mais precisamente quando este estuda o *pensamento indígena e popular na América* (1970). Não é demais lembrar que por trás da discussão teórico-filosófica de Mignolo está a pergunta “podemos pensar os não-europeus? Trata-se, na verdade, de um pensar por pensar, um pensar sem mais, como afirma Mignolo, um *pensar em viver* que nos acontece desde o momento em que começa o dia, e que nos acompanha por todas nossas atividades diárias, indo até à noite na hora do sonho, por exemplo. Segundo ele, trata-se de “um pensar que é coextensivo ao viver”: “Viver em condições adversas é um ‘estilo de vida’ que envolve pensar, assim como quem tem um estilo de vida favorável. Viver exige pensar tanto na automaticidade do corpo quanto nas relações cotidianas na vizinhança, família, café, supermercado. Você pensa, sempre pensa, viver é pensar e pensar é viver. Um exige o outro.” (MIGNOLO, 2018, P. 205) Agora mesmo, em plena condição pandêmica que nos açoita e assola nossa vida, tirando-nos de nossa diretiva diária e de nossos bons costumes, somos, mais do que convocados, condenados a pensar diuturnamente na doença, no cuidado, na perda, na efemeridade da vida e na própria morte. Nosso corpo não está alheio a essa condição: ele também se lança e pensa a dor na mesma condição em que pensa a vida, ou em que vivemos por meio dele. Essa discussão rechaça uma “práxis de viver” e endossa um “pensar em viver” enquanto *uma forma privada de filosofar*.

64

Na esteira da discussão proposta por Mignolo, essa *forma privada outra de filosofar* contrapõe-se à filosofia que, enquanto uma práxis disciplinária de pensar, esteve e está arraigada na *práxis de viver* que a gerou, a transformou e a sustenta. *Esta é a forma oficial de tratar a filosofia*, conclui Mignolo. (Ver MIGNOLO, 2018, p. 206). O que se sobressai dessa questão, e Mignolo vê a pertinência e coerência na pergunta de Hamid Dabashi, não é se os não-europeus não podiam

fazer filosofia, mas, sim, se podiam pensar? E se os não-europeus, como vimos, podem pensar, logo podem e fazem *teorização*. No decorrer de meu trabalho, quando discuti acerca de uma teorização bárbara ou fronteira, mencionei esta passagem de Mignolo que conclui bem a discussão: “pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em *um certo período*, em *certos locais geográficos* do planeta e falem *um pequeno número de línguas específicas*.” (MIGNOLO, 2003, p. 159, grifos meus) Em sua discussão, Mignolo aponta os conceitos de “diferença colonial” e de “desobediência epistêmica” como saídas para barrar os universais abstratos que endossaram a práxis da filosofia ocidental moderna. Reconhece, todavia, e também foi isso que mais me incomodou durante o trabalho e que continua a me incomodar, ser muito difícil para aquele intelectual — que habita o território em que a diferença colonial e suas manifestações são criadas e postuladas — *sentir* a ferida que as diferenças coloniais causam. O que não quer dizer impossível; basta estar disposto ao desprendimento teórico-filosófico.

Quero postular que uma das estratégias possíveis talvez seja a prática da teorização indisciplinada, posto que tal teorização não o é mais nem disciplinária nem interdisciplinária. De acordo com Mignolo, a práxis do pensar descolonial, e aqui estou pensando no teorizar como um re-teorizar, conforme propus no trabalho, não ignora as línguas nem muito menos as teorias modernas, todavia não obedece mais as regras acadêmicas e disciplinárias que, quase sempre, tentam se impor dentro da Academia e do Discurso como tutoras de uma prática de pensar corrente. Para Mignolo,

Nós não-europeus não podemos pensar disciplinadamente ou interdisciplinadamente, mas podemos pensar indisciplinadamente, na medida em que aprendemos e contribuimos com todas as trajetórias que, na práxis do pensar, desmontam a diferença epistêmica descolonial e se afirmam na práxis do pensar, fazer, viver e escrever como queremos porque a libertação descolonial está em jogo para dois terços do planeta.³

³MIGNOLO, 2018, p.213. “Los no-europeos no podemos pensar disciplinadamente o interdisciplinadamente, pero si podemos pensar indisciplinadamente, en la medida en que aprendemos y contribuimos con y a todas las trayectorias que, en la praxis del pensar, desmontan la diferencia epistémica decolonial y se afirman en la praxis del pensar, del hacer, del vivir y del escribir como nos gusta porque la liberación decolonial está en juego para dos terceras partes del planeta.”

A práxis do pensar descolonial, segundo Mignolo, se manifesta na *práxis do escrever o que quero*, do *escrever em si*, porque não é mais a disciplina o que importa, principalmente em sendo “teórico”, porque o que realmente importa é o que está em jogo: “primeiro a libertação que transforma o sujeito colonial em sujeito descolonial, ou melhor, um sujeito des-sujeitado [de-sujeitado] pela libertação.” (MIGNOLO, 2018, p. 211)

Entendo que essa *práxis do escrever o que se quer* convoca a presença do *bios* de todos os envolvidos na ação, ou opção de ordem descolonial. Retomo aqui o que escrevi logo no início do trabalho:

Resta-me dizer que minha opção pelo *bios* é teórica: uma teorização que encampa as sensibilidades biográficas e locais, o ser, o sentir e o fazer, o geoistórico, a ignorância, a ecologia dos saberes, a fronteira-sul, o desprendimento crítico, todos enfim como estratégias para se pensar e ancorar a epistemologia fronteira que se erige daqui (de onde as pesquisas e o “fazer científico” estão sendo propostos), desse lócus específico de uma exterioridade fronteira que compreende minha vivência, minha experiência e implica meu pensar, meu fazer e meu sentir — *Se es y se siente — soy donde pienso — donde se piensa* (MIGNOLO). (NOLASCO, neste trabalho).

Se sou e sinto a partir do lugar em que penso (e não como consequência do ato de pensar), logo meu *bios* é presidido por um lastro histórico, meu corpo dialoga com esse *bios* histórico, inscrevendo nesse diálogo suas sensibilidades biográficas e locais e permitindo, por conseguinte, que um corpo epistêmico se apresente na ordem do lócus da enunciação, e se meu corpo é a extensão, ou continuidade, do lugar onde meu *ser*, *sentir*, *viver* e *estar* estão ancorados no mundo (espaço), e somando-se a isso o fato de que a *teorização* é um sintoma de meu corpo, concluo que uma paisagem biográfica se projeta e se desenha no entorno desse lugar no qual meu corpo *habita* e a partir do qual ancoo meu discurso, minha *teorização* ao outro, ao mundo e a mim mesmo. Há uma passagem de Giuliano que ilustra bem essa paisagem biográfica que nos cerca:

O mais bonito de jogar, seu grande prazer, talvez não esteja na soberania de quem joga(brinque) com algo, mas, sim, na possibilidade de que - compartilhando - o jogo ganhe vida e comece a jogar conosco. Porque apostamos nossa vida em alguns pensamentos, e alguns pensamentos se lançam na vida. E, embora muitas vezes não sejam escritos ou não seja possível escrevê-los, esses pensamentos do jogo cotidiano

que implica em viver pintam a paisagem que temos dentro descansando sobre o solo (ou os solos) que habitamos.⁴

A passagem é sugestiva de uma relação intercorpórea entre o corpo e o lugar, ou melhor, entre o corpo e a paisagem que, de alguma forma, o situa, e o faz, em um lugar específico. Agora não é demais lembrar que se trata, antes, de uma paisagem de ordem epistemológica, como pontua e defende a *teorização* fronteiriça. Sobretudo, e especificamente, quando reitera que a fronteira reside na barra que separa e une dentro e fora, interior e exterior, modernidade e colonialidade. Sem tempo hábil para me aprofundar nisso aqui como gostaria, acerca de uma paisagem biográfica da superfície do espaço/lugar e do que gravita em torno de seu corpo, o fato é que devemos entender que qualquer teoria, ou qualquer discussão de ordem conceitual, até pode ser a mais importante em determinado momento histórico, mas completamente *irrelevante* para se pensar (ou pensá-los) a partir do biolócus dos divídus fronteiriços e, por extensão, do pensamento fronteiriço. Logo, e por extensão, e estou reconhecendo e compartilhando, que aquilo que é importante para a minha *teorização* deve ser indispensável para a minha vida. E talvez isso se torne mais compreensível porque as relações entre as teorias e as teorizações, bem como entre os intelectuais que as praticam, por partirem das geo e corpo-políticas de sentir, crer, pensar, fazer, estão engastadas em experiências distintas (para não dizer íntimas), ou seja, atravessadas pelo corazonar (quando o “coração guia a razão”, Boaventura), pelas “suficiências íntimas”, como diz Arboleda (*apud* SANTOS), ou presas na “província da escritura” (PESSANHA), ou no roçamento das fronteiras (ANZALDÚA), ou nas “sensibilidades locais” (MIGNOLO) ou “sensibilidades biográficas” (NOLASCO). A teorização biográfica, enquanto uma “desconversa”, uma “deteorização”, vem nos lembrar de que a “verdade”, qualquer verdade, não foi estabelecida por nenhuma coerência lógica, mas antes pelo “fundamento” que a sustenta, e isso porque a verdade é da ordem do coração (“la verdad afinca en el

67

⁴“Lo bonito de jugar, su gran placer, tal vez radique no en la soberanía de quien juega con algo sino, más bien, en la posibiidad de que -al compartir _ el juego cobre vida y empiece a jugar con nosotros. Porque nos jugamos la vida en algunos pensamientos, y algunos pensamientos se juegan en vida. Y, aunque muchas veces no se escriban o no se pueden escribir, esos pensamientos del juego cotidiano que implica vivir, pintan el paisaje que llevamos dentro gravitado por el suelo (o los suelos) que habitamos.” (GIULIANO, 2018, P. 18)

corazón”, constata Mignolo a partir da “filosofia” indígena), e logo “la verdad se ‘siente’ más que se la ‘conoce’” (MIGNOLO, 2018, p. 228).

Há uma passagem de Rodolfo Kusch, transcrita por Giuliano, que merece ser reproduzida aqui, por contemplar paisagisticamente a situação biográfica discutida:

A calçada de nossa casa, a rua, a casa dos vizinhos, a passagem de nível próxima, a avenida a duas quadras também são pedaços de nossa intimidade. Vivemos sempre inseridos em uma paisagem, ainda que não o queiramos. E a paisagem, seja a do cotidiano ou a do país, não apenas é algo que se está fora e que os turistas veem, mas é o símbolo mais profundo no qual nos firmamos, como se fosse uma espécie de escritura, com a qual cada habitante escreve com letras maiúsculas sua pequena vida.⁵

Essa relação entre *bios* e paisagem e, por extensão, entre pensamento e teorização, retoma a relação antes pontuada de como se procedeu acerca da filosofia na América Latina, sendo, segundo Kusch e discutida por Mignolo, uma visada trabalhada dentro da Universidade, enquanto a outra teve um procedimento mais privado. Não custa lembrar que tal discussão de cunho filosófico feito por Rodolfo Kusch deu-se a partir do estudo do *pensamento indígena e do pensamento popular na América*. De acordo com Mignolo, enquanto no primeiro caso (a filosofia ensinada nas universidades) se detinha numa série de problemas e de temas europeus traduzidos em linguagem filosófica, no segundo

é um modo que está implícito no modo de vida e no pensamento presente nas ruas das cidades e nos campos, nas casas, e que se desenvolve paralelamente ao modo oficial de fazer filosofia na universidade.⁶

Esta passagem de Mignolo lê literalmente a passagem de Giuliano aqui antes transcrita. Mas gostaria de lembrar também que esta discussão aqui feita poderia

⁵ *Apud* GIULIANO, p. 22. La vereda de nuestra casa, la calle, las casas de los vecinos, el paso a nivel cercano, la avenida a dos cuerdas, también son trozos de nuestra intimidad. Vivimos siempre metidos en un paisaje, aunque no lo querramos. Y el paisaje, ya sea el cotidiano o el del país, no sólo es algo que se da afuera y que ven los turistas, sino que es el símbolo más profundo en el cual hacemos pie, como si fuera una especie de escritura, con la cual cada habitante escribe en grande su pequeña vida.

⁶ MIGNOLO, 2018, p. 135. “El segundo, es un modo que se encuentra implícito en el modo de vida y el pensamiento presente en las calles de las ciudades y los campos, en las casas, y que se desarrolla en paralelo al modo oficial de hacer filosofía en la universidad.”

muito bem ser ilustrada com o texto-epígrafe que abre meu trabalho como um todo. Subjacente a essa discussão de base filosófica, sobressai meu interesse de cunho teórico, como venho insistindo, e pensando nessa teorização que se erige da exterioridade do sistema de pensamento colonial moderno, lembro que Kusch/Mignolo vão chamar tal modo de pensar-viver/viver/pensar de um *pensamento próprio*, ou seja, quando perdemos “o medo de pensar por nós mesmos, medo infundido pela força das diferenças epistêmicas e ontológicas coloniais e da colonialidade que elas atualizam.”⁷ Para Kusch, *pensamento próprio* significa “a liberdade de poder se apropriar da filosofia continental, no caso do filósofo, para se desvincular [desprenderse] da forma oficial como ela é estudada.” (p.135). E é por isso que Mignolo é categórico ao afirmar que o desapego, *o desprendimento implica desobediência epistêmica*.

Em se tratando das teorias modernas, como venho fazendo aqui, não seria o caso nem de apropriar-se delas para se desprender, uma vez que a teorização descolonial convoca e propõe outras opções de ordem descolonial. Começa por demandar “a inscrição da experiência colonial/subalterna do crítico em suas práticas teóricas”⁸, como conclui o autor de *Histórias locais/Projetos globais* (2003). E, como forma de se contrapor às teorias modernas, erige-se assentada numa *teorização bárbara*:

uma prática teórica daqueles que se opõem ao conceito racional e asséptico de teoria e conhecimento, teorizando, precisamente, a partir da situação na qual foram colocados, sejam eles judeus, muçulmanos, ameríndios, africanos ou outros povos do ‘Terceiro Mundo’ como os hispânicos nos Estados Unidos de hoje.⁹

Assim como Kusch advertiu que para se pensar uma filosofia ameríndia, a partir da “marginalização e da barbárie”, era necessário o reconhecimento de um “lócus filosófico”, reitero eu agora que para se pensar da fronteira-sul é necessário o reconhecimento de um “lugar teórico”, mas bem entendido que não se trata apenas de uma localização geográfica, mas sobretudo histórica, política e

⁷ MIGNOLO, 2018, p. 135. “perder el miedo a pensar por nosotros mismos, miedo infundido por la fuerza de las diferencias epistémica y ontológica coloniales y la colonialidad que actualizan.”

⁸ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 156.

⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 157.

predominantemente epistemológica.¹⁰ De acordo com Mignolo, um dos objetivos da teorização pós-ocidental, ou teorização fronteiriça como o prefiro, “é reinscrever na história da humanidade o que foi reprimido pela razão moderna, em sua versão de missão civilizadora ou em sua versão de pensamento teórico negado aos não-civilizados.”¹¹ No contexto da discussão atual aqui feita, acrescentaríamos pensamento teórico negado aos não-europeus, aos fronteiriços, para fazer jus ao título do livro *¿Podemos pensar los no-europeos?* E a saída teórica estratégica defendida por Mignolo e por toda a teorização de ordem descolonial é a de se propor a pensar a *partir da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade*, ou seja, a *partir da fronteira do conceito moderno de teoria e das formas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria*, afinal e, infelizmente, ainda vale a pena repetir sempre:

pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas. Se a pós-colonialidade não consegue romper com a epistemologia moderna, torna-se apenas outra versão dela, com um tema diferente. Seria, em outras palavras, uma teoria *sobre* um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa a *partir das e sobre* as fronteiras.¹²

Dentro de uma visada descolonial, e para erigir uma teorização fronteiriça, não cabe pensar *sobre*; apenas pensar a *partir de*. Porque, se não se pensar a partir da experiência de *anthropos* (o sujeito fronteiriço, subalterno, descolonial), o intelectual que teoriza não vive a experiência do outro e não pode contar sua história local. A teorização fronteiriça se erige a partir da experiência/vivência do indivíduo da fronteira e, por isso mesmo, introduz a perspectiva da epistemologia fronteiriça. É isso que leva Mignolo a afirmar que “pensar a partir de experiências subalternas deve contribuir tanto para a autocompreensão quanto para as políticas públicas, que criam condições para transformar (e estigmatizar) as relações de subalternidade.”¹³

¹⁰ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*.

¹¹ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 158.

¹² MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 159.

¹³ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 160.

Falava a pouco de um “lugar teórico”. Pensando especificamente aqui na teorização fronteiriça talvez devesse lembrar, conforme Mignolo reitera acerca de uma teorização pós-colonial, que devemos tomar tais *loci* de enunciação teórica específica das margens (ou Terceiro Mundo), ou fronteiras como o prefiro, a qual procura reverter aquela ideia retrógrada, para não dizer moderna, de que as *teorias vivem em um não-lugar* e de que aqueles divíduos que vivem *num país subdesenvolvido econômico e tecnologicamente são mais incapazes de produzir qualquer tipo de pensamento teórico significativo*.¹⁴ No bojo dessa discussão, convoco meu “lugar teórico” e reafirmo de que o lugar de onde penso e o lugar de onde se articula minha teorização biográfica fronteiriça é a fronteira-sul, situada geográfica e epistemicamente em determinado espaço do planeta. Por conseguinte, angario para o cerne dessa minha teorização o direito de minha localização e de minhas sensibilidades biográficas, porque o princípio de minha argumentação teórica (e vale para todas) é de *ordem emocional e não racional*,¹⁵ como se poderia pensar a vã filosofia ocidental. Há uma passagem de Facundo Giuliano que capta e traduz o que estou querendo dizer aqui:

Nossas opiniões têm o peso de nosso chão e os pensamentos brotam de nossas entranhas, veias fluem no sangue quente que carregamos e nos unem. Não gostamos da linguagem que hierarquiza e distancia, que moraliza e ordena, a mesma linguagem que nos quer incapaz de pensar bem de nós mesmos. Vivemos, sofremos, aqui estamos: a vida é possível no deserto.¹⁶

71

À bela passagem (paisagem), na qual o autor termina dialogando com o escritor sul-africano John Maxwell Coetzee, gostaria apenas de repetir que também eu (mas poderia ser “nós” daqui da fronteira-sul) vivo, sofro, trabalho, escrevo e aqui estou: *a vida é possível na fronteira-sul*.

Chego, assim, ao título de meu trabalho ora apresentado: *A fronteira não é longe daqui*. E quero começar pontuando que apesar de minha *fronteira-sul* ser

¹⁴ C.f. MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 164.

¹⁵ Ver MIGNOLO, 2018, p. 228.

¹⁶ GIULIANO, 2018, p. 56. “Nuestras opiniones tienen el peso de nuestro suelo y los pensamientos brotan desde nuestras entrañas venas, fluyen en la sangre caliente que llevamos y nos hermana. Nos cae mal el lenguaje que jerarquiza y distancia, que moraliza y ordena, el mismo que nos quiere incapaces de pensar bien de nosotros mismos. Vivimos, sufrimos, aquí estamos: la vida es posible en el desierto.”

geográfica, posto que há limites, marcos que marcam as fronteiras internas e externas, voltei-me, sobremaneira, para a fronteira de ordem epistemológica, talvez pelo fato de eu, enquanto aquele que ensina e trabalha em uma instituição pública, ter uma preocupação sobretudo epistemológica, ou seja, teórica. Todavia não posso me trair aqui, pois negar a presença da fronteira-sul geográfica em minha vida intelectual seria trair meu corpo, meu *bios*, minha história pregressa até aqui: nasci, cresci e vivi nas terras da Revolta; de modo que passei grande parte de minha infância e adolescência, e mesmo depois, rumando para a fronteira-sul, e por vários motivos. Lembro-me que quando alguém vindo de longe nos perguntava em casa onde ficava a fronteira, alguém respondia de pronto: *a fronteira não é longe daqui*. Tenho tratado a exaustão dessa fronteira-sul, sobretudo em meus livrinhos de *teorização* despoética: *Pântano* (2014), *O oráculo da fronteira* (2018), *A ignorância da Revolta* (2019) e *O jardim das fronteiras* (2020). Já em meu livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013) detive-me na fronteira mais pela visada epistemológica. Talvez a grande diferença entre o que eu discutia ali naquele texto que fora resultado de meu pós-doc realizado no PACC: PROGRAMA AVANÇADO DE CULTURA CONTEMPORÂNEA(PACC/UFRJ) e este de agora seja a presença do lastro biográfico, ou seja: se lá me detinha na questão do “local”, neste de agora agrego **72** o “bios” ao lócus, resultando no que passei a chamar de *biolócus*. *A fronteira-sul é meu biolócus*. Mas confesso que não precisamos ir longe para entender que o geográfico, o territorial, assim como o geopolítico, a corpo-política e o epistemológico (de epistemologia fronteiriça) podem *conviver* em uma certa harmonia especificamente porque falo, penso e escrevo de uma zona de fronteira e, quando isso é a realidade, nosso discurso origina-se atravessado pelo geoistórico biofronteiriço cultural, como é o meu caso. Lembro-me aqui de Mignolo que dissera que quando se trata de teorias de um local geoistórico, elas demonstram a proeminência do *emocional* para construir teorias (o que aqui venho chamando de *teorização*) e afirma ainda o autor que as sensibilidades locais (MIGNOLO) e biográficas (NOLASCO) “não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos, mas formam-se e transformam-se, criam-se e perdem-se, na família, na escola [...] no decorrer da vida.”¹⁷ Confesso que depois que sai da fronteira-sul para estudar na cidade grande longe, perdi aquela

¹⁷ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 264.

fronteira-sul guardada no coração, mas ganhei, sobretudo depois que me propus a estudar a fronteira epistemologicamente na academia, uma fronteira teórica. Hoje trago a insígnia da fronteira-sul cravada em meu corpo-palavra. Talvez seja pelo fato de as sensibilidades dos locais geostóricos relacionarem-se com um sentido de territorialidade que se inclui nessa discussão “a língua, o alimento, os odores, a paisagem, o clima e todos esses signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares”, como constata Mignolo.¹⁸ Explica-se, pois, porque tratei e trato a exaustão de *paisagem* e sempre faço questão de afirmar que meu corpo encontra-se engastado (situado) na fronteira-sul. *Eu sou o que penso. Minha fronteira-sul que, na verdade, é uma tríplice fronteira, não passa de uma “ferida aberta” (ANZALDÚA) que sangra de ambos os lados. Ressalvadas as diferenças, convoco, para concluir, uma passagem de Gloria Anzaldúa que capta, traduz e se aproxima, em muitas partes, do que entendo e chamo de fronteira-sul para mim:*

A fronteira entre os Estados Unidos e México é uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo se roça (fricciona, esfrega) com o Primeiro Mundo e sangra. E, antes que uma crosta se forme, a alma de dois mundos que se unem para formar um terceiro país sangra novamente: uma cultura fronteiriça. As fronteiras se configuram para definir os lugares que são seguros e não seguros, para nos distinguir deles. Um limite é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma fronteira pronunciada. Uma zona fronteiriça é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de um limite antinatural. Está em um estado constante de transição. O proibido e o ilegal são seus habitantes. Os atravessados vivem aqui: os de olhos entrecerrados, os perversos, os *queer*, os incomodados, os mestiços, os mulatos, os semimortos; em resumo, os que cruzam, passam ou atravessam pelos confins do ‘normal’.¹⁹

73

Eu *atravesso* esta fronteira-sul. A fronteira-sul atravessou meu corpo, atravessou meu pensamento, atravessou minha vida e virou só sentimento teórico.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. *Bordelands/La Frontera: the new mestiza*. California: Aunt Lute, 1987.

¹⁸ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 264.

¹⁹ *Apud* MIGNOLO, 2018, p. 203. [Trad. De Marta F. de Oliveira]

BORGES, Jorge Luis. *O Fazedor*. Trad. de Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KUSCH, Rodolfo. *Pensamiento indígena y popular en América. Obras completas*, v. II. Rosario: Fundación Ross, 2009. P. 263-264.

DABASHI, Hamid. ¿pueden pensar lós no-europeos? In: GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. P. 69-120.

GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica, p. 11-68.

MIGNOLO, Walter. PREFACIO. In: GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. P. 7-9.

MIGNOLO, Walter. Sí, podemos. In: GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. P. 121- 159.

MIGNOLO, Walter. Filosofía y diferencia epistémica colonial: ¿qué es lo convoca la praxis del pensar desobediente en la exterioridad de los universales eurocêtricos? In: GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. P. 203- 229.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. De Solange Ribeiro de Oliveira. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César (org). *Exterioridades dos saberes: NECC 10 anos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

NOLASCO, Edgar César. *O jardim das fronteiras*. São Paulo: Intermeios, 2020. PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu editora, 2018.

Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 59-74,

Artigo recebido em: 28 de junho de 2020. Artigo Aprovado em: 23 de setembro de 2020.